

BUCOLO, Salvatore, *L'attrazione uomo-donna tra criação, caduta e redenção. L'antropologia del desejo sexual e a sua redenção em Cristo na perspectiva de S. Agostino*. Prefação de Francesco Pilloni. Siena: Edizioni Cantagalli, 2015, 521 p. [Studi sulla Persona e la Famiglia – Tesi. Collana publicada em colaboração com o Pontifício Instituto Giovanni Paulo II per Studi su Matrimonio e Famiglia.]

O estudo que Salvatore Bucolo nos apresenta é o resultado da sua tese de doutoramento, publicada na Coleção do Instituto Pontifício João Paulo II da Universidade Pontifícia Lateranense, e é consagrado ao tema da "atração homem-mulher", compreendido no âmbito da ação criadora de Deus, pensando-o na perspectiva da queda e redenção humana, à luz da dinâmica cristológica e soteriológica. Trata-se de um estudo que se consagra a uma releitura teológica do verdadeiro significado do *eros* no pensamento de Agostinho, mas também da cultura cristã, tentando mostrar como o desejo (*desiderium*), a libido (*libidum*) e a concupiscência (*concupiscentia*) podem ser interpretados a partir do próprio "desejo originário" do Criador. Tendo como fonte de trabalho a interpretação agostiniana do texto bíblico do livro do Génesis, o autor efetua uma leitura dos textos agostinianos de forma a revelar a antropologia do desejo sexual, perspectivada não só nos inícios paradisíacos do par humano, mas também, no horizonte da sua redenção, e portanto, em direção a uma *ordo amoris* que se centra em Cristo e em Deus. O autor tenta ademais mostrar como o desejo sexual não é iníquo nem é desordenado, mas unicamente quando não segue a ordem natural estabelecida por Deus (p. 158). Neste sentido, há uma "bondade originária da sexualidade" e do desejo atrativo no par originário Adão e Eva que tem o seu sentido

último e fundamental na realização plena em serem *duo in carne una*. Para isso, o autor tenta demonstrar que há um sentido profético e escatológico orientando o sentido primordial desta perícope bíblica para um apelo à transcendência divina, entrando no mistério da redenção.

O estudo está dividido em três partes. A primeira parte é composta de três capítulos que se consagram à interpretação agostiniana da noção bíblica da *imago Dei*. É a partir da análise da condição originária do par humano paradisíaco que se delineiam os traços fundamentais da antropologia agostiniana, assente por um lado, na sua constituição antropológica que, como afirma Agostinho na *Cidade de Deus*, o constitui como um ser "constans anima et corpus", e por outro, que o compreende na sua diferença sexual, homem-mulher, criados à imagem e semelhança de Deus, na condição de inocência originária. Já o segundo capítulo, "Adão e Eva no desejo originário do Criador", toma como ponto de referência a polémica maniqueia e pelagiana, que parece, por um lado, ensombrar o desejo originário do Criador em relação a Adão e Eva, mas, por outro, levar ao inevitável aprofundamento do sentido da condição conjugal no estado paradisíaco (p. 93). De facto, a reflexão agostiniana sobre a obra criadora de Deus manifesta a existência de uma tensão escatológica que se desenhou desde a fundação do mundo e, muito em particular, desde a criação do

par genesíaco (p. 148). Por isso, o autor põe em evidência, a partir dos textos do bispo de Hipona sobre a polémica maniqueia e pelagiana, a posição intermédia de Agostinho e que ultima no terceiro capítulo com uma reflexão sobre o corpo entendido na dualidade macho/fêmea, de forma a revelar como no par humano há a possibilidade de uma vivência aberta à transcendência em *una caro*.

A segunda parte é também constituída por três capítulos que são dedicados ao problema da queda e do pecado. É precisamente nesta parte que o autor mostra os efeitos negativos do rompimento originário com o Criador, sobretudo como consequência da "queda", ou seja, do pecado cometido por Adão e Eva e em cuja sexualidade se manifestam primordialmente "os sintomas dessa rutura" (p. 239). De facto, é aqui que encontramos os pontos mais problemáticos desta tese. O autor não se distancia suficientemente da leitura agostiniana do livro do Génesis, que é forçosamente situada, ou seja, o autor não tem em conta que a interpretação agostiniana do livro do Génesis se baseia numa interpretação literal e não à luz de uma verdadeira exegese bíblica, tal como hoje a entendemos. Por outro lado, o autor expõe a leitura agostiniana focalizando a 'queda' em função de uma sexualidade, quando a exegese bíblica atual está longe de efetuar esta leitura, centrada, essencialmente, neste único relato bíblico genesíaco. Ademais, dever-se-á ter em conta que esta desatualização exegética não se aplica unicamente a Agostinho mas a todos aqueles que efetuaram interpretações históricas do livro do Genesis. Por outro lado, Salvatore Bucolo faz uma reconstituição da "desobediência adamítica" e da sexualidade em função de uma "tópica" demasiado literal, dando assim lugar a uma compreensão do texto bíblico numa lógica

pré-lapsária e "pós-lapsária", como se tudo tivesse acontecido numa sequência histórico-temporal à maneira humana. Para além disso, o autor nem sempre se defronta verdadeiramente com determinadas posições "situadas culturalmente" por parte de Agostinho e não as esclarece teologicamente, de forma suficiente. Veja-se por exemplo, na página 226, quando citando o bispo de Hipona, afirma: "Comentando 1^{Coríntios} 11,7, ele observa que à mulher não é negado certamente o facto de ser imagem de Deus, mas, diferentemente do homem, ela recebe tal prerrogativa gradualmente debaixo da direção e do ensino do próprio homem. [...] Obviamente, tal asserção teológica reflete uma certa sensibilidade cultural do tempo, todavia devemos também reconhecer que nela reside a tentativa do nosso autor de interpretar a Escritura com a própria Escritura, atendo-se ao texto literal. É fundamentalmente o fim da nossa investigação, a afirmação agostiniana da diversidade do pecado de Adão e Eva e da sua recíproca inter-relação" (p. 226). A tese central desta obra é portanto, de efetuar uma leitura de Agostinho acompanhando-o numa interpretação demasiado "literalista" do texto bíblico. Mas, curiosamente, quando o comentário agostiniano oferece dificuldades acrescidas de interpretação, porque Agostinho vacila constantemente entre o literal e o alegórico, o autor limita-se a afirmar, por exemplo, a respeito da ideia agostiniana da mulher como *imago Dei*: "Certamente, ainda numa primeira fase da sua reflexão, prevalece uma interpretação preferencialmente alegórica da Escritura" (p. 232), dando um argumento completamente diferente. O problema maior da tese consiste, portanto, em tentar mostrar que a "condição pós-lapsária da sexualidade manifesta o lugar próprio e específico de uma desobediência originária a Deus"

(p. 343). Ora, a formulação desta tese como tal não deixa de estar demasiado centrada num problema que está muito para além da sexualidade e de género, em sentido estrito. Mas, por outro lado, esta mesma análise do pecado, realizada sobre o par humano genesiaco, põe em evidência uma transgressão que o autor destaca com sendo aquela que culmina numa "unicidade do pecado de Adão relativamente a Eva" (227), ou ainda num pecado que consiste essencialmente "na queda de Adão e Eva, isto é, de uma mulher e de um homem na sua diferença sexual respetiva" (223). Daí que o autor analise o pecado do homem e da mulher um em face do outro e os dois em face de Deus. Desta forma, tenta justificar a gravidade e a dramaticidade do acontecimento, contrariando a tendência e a banalização da queda no pecado de Adão e Eva (p. 35).

Os dois últimos capítulos, quinto e sexto da segunda parte, expõem "a sexualidade pós-lapsária como desobediência a Deus" e a noção de concupiscência nas suas diversas formas de pecado, e sobre a distinção entre *concupiscentia carnis* e *concupiscentia nuptiarum*, apontando para a dimensão positiva desta última, que exprime a *castidade conjugal*. Neste contexto, o autor discute a noção de concupiscência em contexto pelagiano, onde Agostinho manifesta a existência de uma concupiscência que não prevarica a vontade, da mesma maneira que há uma libido que se submete ao comando da vontade (p. 323) e, por conseguinte, há uma concupiscência que ele classifica de nupcial e que é passível de coexistir no paraíso (p. 324). De forma a sanar as consequências do pecado, a *concupiscentia beatitudinis* ou a *concupiscentia nuptiarum* conduzem inevitavelmente a uma relação intrínseca e originária da dimensão concupiscente ao divino (p. 330). Essa reabilitação ou

sanatio permite que a concupiscência seja recuperada pela misericórdia divina. Para isso, Agostinho propõe por um lado, e ao contrário do maniqueísmo, que considerava a concupiscência um mal eterno e imutável, que ela seja recuperada e restituída à natureza humana, e por outro, e contrariamente à posição pelagiana, que se mantenha na identidade da natureza humana não prevalecendo a dimensão do espírito relativamente à dimensão corporal (p. 333). É precisamente na análise da *concupiscentia* que este estudo revela os aspetos mais interessantes da interpretação agostiniana que podem ser entendidos à luz de uma nova antropologia que assenta numa *concupiscentia beatitudinis* que terá uma plena realização em Deus (p. 342).

O autor do estudo revela a força interpretativa de Agostinho como modelo de compreensão da experiência humana que pode aceder à sua redenção a partir da misericórdia divina. A terceira parte desenvolve, numa linha soteriológica, a redenção e a plena realização da união do par marido-mulher à luz de uma união intrínseca de Cristo com a sua Igreja, dado assim cumprimento à palavra paulina. Porém tem um lugar preponderante a encarnação do Verbo como plena realização da criação genesiaca do homem e da mulher. Por isso, dentro da linha patrística, o autor mostra "a presença de diversos paralelismos entre o par Adão e Eva e Cristo e a Virgem Maria, chamados, geralmente, como o Novo Adão e a Nova Eva". Devemos, no entanto, assinalar que esta linha de desenvolvimento teológico não deixará de suscitar questões que se levantam em torno de uma leitura demasiado "fiscalista" sobre esta identificação. Neste sentido, e para melhor desenvoltura do tema, o autor revela como a encarnação de Deus mantém uma relação única e singular com cada um dos dois géneros, cuja graça

divina atua sobre o gênero sexual, assumindo-o e conferindo-lhe uma mediação privilegiada na obra divina. Este será em suma um dos aspetos mais significativos desta tese, quer dizer, a ideia de uma diferença sexual que resguarda a singularidade humana na sua dimensão masculina e feminina. Por isso afirma o autor: "A detalhada análise agostiniana dos vários momentos salvíficos do mistério de Cristo atesta, como todo o evento singular, que é uma atualização da *una caro* com Deus através de uma concreta

inter-relação entre a masculinidade e a feminilidade" (p. 500).

Por último, registre-se que a bibliografia, em particular as fontes secundárias, revela a ausência de certos estudos agostinianos que seriam fundamentais e não foram utilizados, mesmo para um tema tão preciso como este. De qualquer forma, é uma tese que expõe com clareza as posições de Agostinho e sobretudo aproveita muito bem a polémica maniqueia e pelagiana para mostrar a pertinência agostiniana do tema em questão.

Maria Manuela Brito Martins